

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

141

INSCRIÇÕES 578-580



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA | SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

2016

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

Instituto de Arqueologia  
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Palácio de Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



PLACA FUNERÁRIA DE ALFIVS MAXVMVS  
(Rio de Moinhos, Borba)

Placa funerária de mármore branco de Vila Viçosa, semelhante ao explorado na Herdade da Vigária, de acordo com informação prestada por um operário que trabalha naquela pedreira. Foi encontrada em Maio de 2016 por Abílio Ramalho, que a guarda, quando lavrava um terreno no sítio da Ribeira, Rio de Moinhos, concelho de Borba. O terreno apresenta grande densidade de vestígios cerâmicos, o que sugere que o monumento foi encontrado *in situ* ou, pelo menos, próximo do ponto onde figurava na época romana. Tem moldura com 5,5 cm de altura e 6,5 cm de largura, de gola direta e ranhura exterior, enquadrando um campo epigráfico rebaixado, que mede 30,5 cm por uma altura média de 18,5 cm, que vai estreitando da esquerda para a direita (19,4 cm / 17,8 cm). Quase intacta, só aparelhada à frente com leitura bem preservada, apresenta escoriações na moldura, uma das quais provocada aquando da descoberta.

Dimensões: 42,5 x 30,5 x 6,5 cm.

G(aius) · ALFIVS · MAX/VMVS · H(ic) · S(itus) · E(st) ·  
S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis) · / ALFIA CLARA / SOROR ·  
F(aciendum) · C(uravit) ·

*Aqui jaz Gaio Álfio Máximo. Que a terra te seja leve. A irmã, Álfia Clara, mandou fazer.*

A inscrição, que se desenvolve em quatro linhas, encontra-se razoavelmente bem repartida pelo campo epigráfico, procurando o *ordinator* ocupar todo o espaço disponível. Apenas na segunda

linha, em resultado da erosão, o M de MAXVMVS está parcialmente apagado, sendo de admitir, pelo espaço disponível, que formasse nexa com o V. Letras de *ductus* regular e quase sempre rematadas em ápices, tendencialmente capitais quadradas, ainda que por vezes se alonguem em demasia. A falta de regularidade é extensível à pontuação, em regra triangular, mas que num ou noutro caso foge deste padrão, assumindo os pontos uma configuração mais linear quase à maneira de vírgula. Os espaços interlineares oscilam entre 0,5 e 0,7 cm, começando a inscrição a 1,2 cm da moldura e terminando a 2,7 cm da mesma. As letras rondam os 3 cm, à exceção da última linha onde chegam aos 3,5 cm, como que a tentar preencher um pouco mais o espaço livre até à moldura, na busca de uma melhor paginação. Alinhamento à direita bem conseguido, ao passo que do lado esquerdo a segunda linha quase que arranca da moldura ao contrário da quarta que inicia bem mais dentro do que as restantes. A distribuição desta última linha no campo epigráfico foi mal calculada, sendo o espaço interliteral da palavra SOROR muito irregular, o que dá a ideia de que o lapicida não fez um estudo prévio à gravação do texto.

A tipologia do monumento e da moldura da placa, a pouca perícia com que é executada, com o campo epigráfico a estreitar ou com a irregularidade de algumas letras, as barras do T fortemente gravadas e bem horizontais ou a do A colocada muito acima, apontam para semelhanças técnicas bem evidentes com uma placa onde aparece outro Álfio, oriunda da Herdade da Venda, S. Bento do Mato (Azaruja) a cerca de 20 km de distância (IRCP 407). Tendo em conta aquelas semelhanças e o mesmo quadro cronológico, as duas lápides parecem proceder de uma mesma *oficina* onde, para além do estilo, alguns tiques ou imprecisões técnicas se repetiam.

O homenageado e a dedicante, sua irmã, são identificados à maneira romana, apresentando o primeiro os *tria nomina*. O gentílico *Alfius* está relativamente bem representado na Hispânia, com cerca de uma vintena de casos, particularmente em Mérida<sup>1</sup>. Fora da *Hispania*, é frequente em Roma e na região do *Latium*, pelo que poderá ser originário daqui. O cognome *Maxumus* é grafado com *u* em vez de *i*, algo comum na epigrafia

---

<sup>1</sup> Juan ABASCAL PALAZÓN, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania* Mérida, 1994, p. 74.

latina peninsular. *Clara* é cognome igualmente testemunhado, inclusive na capital da província da Lusitânia, ainda que com menos frequência do que o do seu *nomen*<sup>2</sup>.

Os indivíduos memorados nesta placa podem relacionar-se com a sociedade do *territorium* emeritense, concretamente com o processo de fixação colonial de que membros portadores do gentílico dos *Alfii* fizeram parte. Têm sido muito discutidos os limites ocidentais do território emeritense, havendo alguns autores a sugerirem que se estenderia até à região onde foi encontrada esta placa<sup>3</sup>. Ainda que o *ager* do território de *Augusta Emerita* ficasse aquém da zona de Borba, é incontestável a sua influência directa sobre toda a região dos mármore, constituindo o anticlinal de Estremoz o verdadeiro *pagus marmorarius* da capital lusitana. *Gaius Alfius Maxumus* e sua irmã *Alfia Clara* enquadram-se nessas primeiras gerações que participaram na ocupação romana destas terras, num esforço consciente e persistente, bem visível na política de Augusto para com o extremo Ocidente Peninsular, de afirmarem a presença de Roma numa vasta área em torno do reflexo da cidade eterna que *Augusta Emerita* procurava ser. O próprio contexto arqueológico do sítio de onde provém a lápide, aponta, *a priori*, ao nível da implantação e da área de extensão dos vestígios, para essas primeiras experiências de fixação de comunidades romanas no território. Alguns destes sítios foram progredindo até se tornarem grandes *villae* e domínios fundiários, ao passo que outros não lograriam esse sucesso.

A paleografia e, sobretudo, toda a singeleza do formulário, com a ausência de invocação aos deuses Manes, a apresentação do dedicante em nominativo ou a posposição da dedicante à fórmula final, sugerem que a lápide terá sido lavrada nas primeiras décadas do Império Romano.

JOÃO PEDRO BERNARDES

---

<sup>2</sup> *Idem*, p. 329.

<sup>3</sup> A título de exemplo, veja-se André CARNEIRO, *Lugares, tempos e pessoas: povoamento rural romano no Alto Alentejo*, vol. I. Coimbra, 2014, p. 37-41.



579